

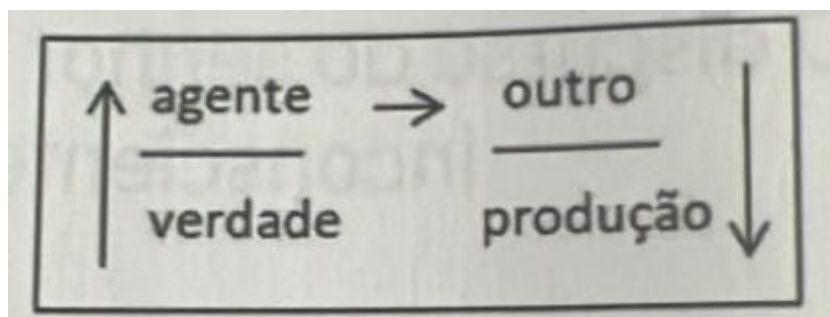
O discurso do senhor e do escravo: inconsciente e civilização

Nilda Sirelli

O discurso do mestre é o discurso do inconsciente, pelo qual o sujeito é fundado em uma alienação radical, advindo como escravo de seus significantes mestres, que ocupam para ele o lugar de amo e senhor. O escravo faz existir o Outro a quem se submete, supondo-lhe um saber e gozando de sua posição de submetimento. Atrelando inconsciente e civilização, articulamos como sujeitos marcados por significantes que são condensadores de rejeição e violência em uma cultura segue na posição de escravo, sustentando um mestre tirânico e gozador. Perguntamo-nos: quais as vias para a possibilidade de separação e de um giro na posição do escravo?

No *Seminário, livro 17, O avesso da psicanálise*, Lacan (1969-70/1992) propõe a teoria dos discursos: os discursos fazem laço social via articulação da cadeia significante com o gozo. Se antes, no seu ensino, a proposição era de que o encontro com a linguagem produzia uma perda de gozo, aqui ele nos ensina que esse resto é perseguido pela cadeia significante, de forma que a própria estrutura languageira visa recuperar algo do gozo perdido, sendo ela mesma uma forma de gozo.

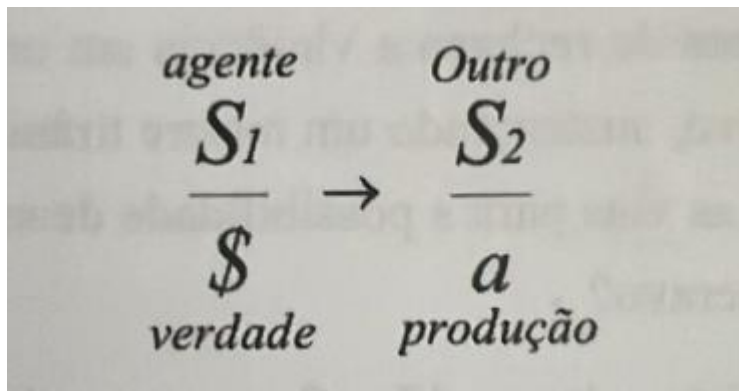
Existem quatro lugares na constituição de um discurso. Todo discurso parte de um *agente*, motivado por sua relação com a *verdade* – que lhe é latente e jaz recalçada sob a barra –, dirigindo-se ao *Outro*, visando a que daí advenha alguma *produção* (Lacan, 1969-70/1992, p. 161). Esse é o esquema que daí se extrai:



Ao propor o discurso do mestre, Lacan recorre a Hegel na dialética do senhor e do escravo, referindo-se, pois, ao senhor antigo, e não ao escravo do mundo capitalista.

O escravo existia como uma função inscrita na família e no Estado, e está lá porque tem o saber fazer, um saber articulado que pode ser transmitido pelas gerações.

Em cada discurso, S, objeto a , S_1 e S_2 ocuparão uma determinada posição. Eis o discurso do mestre (Lacan, 1969-70/1992, p. 12), acrescido com o nome das quatro posições:



O discurso parte de S_1 , na posição de agente e senhor, motivado por uma verdade, verdade essa que se encontra do lado do sujeito dividido, e se dirige ao S_2 na posição do Outro, gerando como produção o objeto a .

Entendamos por que esse é o discurso de estrutura: ele diz da relação fundamental que funda e instaura o próprio inconsciente, relação de $S_1 \rightarrow S_2$, de um significante com o outro, de qual resulta a emergência do sujeito. O \$ surge em virtude do significante que representa um sujeito junto a um outro significante. Dessa operação, é extraído um resto impossível de ser capturado, pois há uma perda implicada. O objeto a é a perda, em torno da qual o discurso advém em uma tentativa de recuperar o gozo perdido e que, todavia, também se configura como um *a mais*, um *bônus* a ser perseguido.

O sujeito que jaz sobre a barra do recalque, sujeito do inconsciente, e que motiva o agente, é um sujeito barrado, dividido pela vacilação dos significantes, que lhe remetem sempre a um outro, e pela parcialidade do objeto de suposta satisfação. Essa dimensão é muito importante, pois revela que o escravo tem algum saber sobre a castração do senhor, e é essa verdade da castração que motiva o agente. A verdade do mestre é: ele é castrado.

Contudo, se o sujeito sabe da castração do mestre, sabe que S_1 é furado, por que o sustenta num lugar de mestria, fazendo dele seu amo e senhor, a quem serve como escravo?

Aqui Lacan (1969-70/1992) ensina algo precioso, "o que se diz originalmente é que o gozo é privilégio do senhor" (p. 21), mas, "de que modo o senhor imporá sua vontade? Não há dúvida de que é preciso um consentimento" (p. 30). Consentimento esse que é dado quando o sujeito faz existir o Outro, conferindo-lhe uma consistência imaginária que ele não tem, e, como ensina Lacan (1958/1998), é da estrutura do inconsciente supor saber ao Outro. Nesse sentido, Lacan afirma:

"Eis o que constitui a verdadeira estrutura do discurso do senhor. O escravo sabe muitas coisas, mas o que sabe muito mais ainda é que o senhor quer, mesmo que este não o saiba, o que é o mais comum, pois sem isto não seria ele o senhor" (Lacan, 1969-70/1992, p. 32).

Portanto, sem a suposição de que o senhor detém um saber sobre o desejo, essa função não operaria. O sujeito supõe ao Outro-amo o saber que lhe falta sobre o próprio desejo. Eis a ficção em jogo na fantasia inconsciente: a aposta de que o Outro detém o saber sobre o desejo do sujeito, enigma estruturante e que desvela a castração, tanto do sujeito quanto do Outro, já que o ponto comum entre os dois é o objeto a , que falta a ambos (Lacan, 1964/1998).

O fato de que o "tudo saber" tenha passado para o lugar do senhor torna opaca a verdade, a verdade de que o saber está do lado do escravo, aposta sustentada por Freud e que funda a psicanálise: o saber está do lado do inconsciente e da divisão subjetiva, aposta refeita a cada vez que convocamos um sujeito a falar. Mas como o desejo pode advir, se "do desejo ele bem que abriu mão, pois o escravo o preenchia antes que ele soubesse o que podia desejar"? (Lacan, 1969-70/1992, p. 34)

Ao sustentar S_1 como senhor, preenche o lugar opaco do desejo com os significantes do desejo do Outro, tamponando o enigma do próprio desejo.

O gozo do escravo se refere a deixar o trabalho na servidão. Ao tamponar a castração de seu amo, ele sustenta sua posição de escravo e consente, posição de alienação constituinte a todo sujeito falante. Soler (1997) afirma que a alienação é o

destino, do que depreendemos que o discurso do senhor é constituinte de todo sujeito falante; já a separação, essa exige um trabalho. Trabalho que não o servil, mas aquele em que o verdadeiro trabalhador é o inconsciente (Lacan, 1967-68), é o saber inconsciente que se coloca a trabalho. Implica, portanto, que a divisão subjetiva advenha e, com ela, a castração do mestre. Recusar o gozo da satisfação servil é um trabalho a ser convocado por todo analista, desde que não faça valer a posição estrutural da transferência, que, ao supor saber e instaurar o Sujeito Suposto Saber, instaura o mestre.

Ao pensarmos no discurso do mestre na civilização, produzir um saber é convocar a história a falar, com suas muitas vozes, com seus furos e discordâncias, ressaltando seu caráter de divisão, de verdade fraturada. Benjamin (2012) nos ensina que a história é contada do ponto de vista daquele que detém o poder, do vencedor, ainda que essa vitória seja conseguida via barbárie. Destarte, a história é contada do ponto de vista do senhor, daquele a quem nós e nossos antecessados suposemos saber, apagando para isso o seu próprio. Aqui, o Relatório Nacional da Verdade (2009), que relata as atrocidades do período da ditadura militar, contadas por aqueles que restaram silenciados sob a barra do recalque; os relatórios produzidos sobre a covid-19, registrando as mortes e as atitudes adotadas pelo governo federal; o atlas da violência; e diversos outros relatórios escancararam a política de morte direcionada às comunidades periféricas e negras. Os relatos recolhidos das comunidades quilombolas e dos mais diversos movimentos sociais, de sujeitos dos mais variados estratos sociais, étnicos e de gênero ganharam uma importância única, pois é preciso fazer falar para que o saber do escravo advenha. Falar é contar e construir sua própria história, se apropriando do seu saber e fazendo com ele, abalando o saber hegemônico do mestre que discursa para colocar em cena o saber do lado de quem faz e vive.

Acompanhamos estarecidos a tentativa de apagamento dessa divisão, pela visada de apagamento da história do Brasil e de um recalque de todo e qualquer significativo que não seja do senhor, pela produção incessante de mestres totalizantes, homens e mulheres mitos, nos pequenos vídeos e notícias falsas, nas redes sociais, que colam/calam bem, mascarando a castração, o furo no Estado, no Outro que sustenta nossas vidas via um desejo, que é, como sempre, dividido.

A divisão no campo da história, no campo do saber pelo qual somos contados e nos contamos, pode fazer advir significantes novos, até então inéditos: feminismo, racismo, feminicídio, transgênero, branquitude, homofobia... Significantes que não foram ditados pelo senhor, mas sim forjados pelas mãos e pelo saber do escravo, se, e somente se, este se autoriza a falar em nome próprio, sustentando seu saber dividido, trabalhando não para fazer existir um amo, dotado de uma consistência ilusória – no sentido freudiano do termo, de fazer existir aquilo que se deseja (Freud, 1927/2020) –, e sim um trabalho que sustente o saber inconsciente que não está em quem enuncia, em quem manda, e sim do lado de quem faz. Lacan afirma:

"O ventre do Outro, do grande Outro, está repleto deles (significantes mestres). Esse ventre é aquele que dá, como um cavalo de Tróia monstruoso, as bases para a fantasia de um saber-totalidade. É claro, porém, que sua função implica que de fora venha alguma coisa bater à porta, sem o que jamais sairá nada dali e Tróia jamais será tomada" (Lacan, 1969-70/1992, p. 33).

Estamos diante desse momento no qual discursos ditatoriais e genocidas batem à porta desse cavalo de Tróia monstruoso, repleto de um "saber-totalidade", na tentativa de fazer advir desse ventre a barbárie. Nós, analistas, temos o dever ético de fazer falar o inconsciente, dando lugar ao saber do escravo que ali agoniza e regozija, saber dividido, fraturado, que desvela a castração, e, portanto, o único capaz de fazer barreira à monstruosidade do "saber-totalidade".

Referências

Brasil. *Comissão Nacional da Verdade*. Mortos e desaparecidos políticos / Comissão Nacional da Verdade. BCNV, 2009.

Benjamin, W. Sobre o conceito de história. In *O anjo da História* (J. Barreto, Trad.). Autêntica, 2012.

Freud, S. (2020). O futuro de uma ilusão. In *Obras Incompletas de Sigmund Freud* (pp. 233-297). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1927).

Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios do seu poder, 1958. In *Escritos* (pp. 591-652). Zahar.

Lacan, J. (1998). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, 1964. Zahar.

Lacan, J. (n.d.). *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico*, 1967-68. Inédito

Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*, 1969-70. Zahar.

Soler, C. (1997). O sujeito e o Outro II. In R. Feldstein, B. Fink, & M. Jaanus (Org.), *Para ler o Seminário II de Lacan* (D. Estrada, Trad.) (pp. 58-67). Zahar.